Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA N.º 16 NOVEMBRO, 1961

FASES CULTURAIS E ACULTURAÇÃO INTERTRIBAL NO TUMUCUMAQUE (1)

PROTÁSIO FRIKEL
Museu Goeldi

A presente comunicação antecipa, essencialmente, conclusões de um estudo sôbre a ergologia dos índios Tiriyó. (2).

A cultura das tribos guianenses, sobretudo no que se refere a aspectos de seu equipamento adaptativo, é relativamente bem conhecida, haja vista os trabalhos de Roth, Gillins e outros (3). Por isso mesmo, um estudo da cultura material tiriyó, se limitado apenas à descrição de formas, funções e usos, não traria grandes novidades. Embora conservando a sua individualidade, êsses grupos partilham de padrões comuns à área guianense, podendo-se mesmo falar, até certo ponto, em uma "cultura karib".

Entretanto, orientamos as nossas investigações à base de um levantamento tão detalhado quanto possível, das tradições tiriyó, identificando os elementos materiais como surgiram originalmente, como foram modificados ou, quando abando-

---

1) Êste trabalho foi apresentado à V Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em Belo Horizonte, julho de 1961.

2. Estudo que está sendo realizado pelo Museu Paraense "Emílio Goeldi", do INPA.

3. Gillin, John — 1948, Tribes of the Guianas. — In: Handbook of South American Indians, Vol. 3. pg. 799 sq.
Roth, Walter Edmund — 1924, An Introductory Study of the Arts, Crafts, and Customs of the Guiana Indians; Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution.

nadas as antigas formas, sua substituição por outras novas. É de notar, porém que nêste sentido, o termo "tradição tribal" não deve ser interpretado como sinônimo de "lenda" ou "mito". As lendas podem dar e, de fato, dão apontamentos também sôbre a cultura material de éras passadas. Mas não oferecem garantias absolutas de que os elementos ali mencionados realmente tenham existido na época da referência da lenda e não sejam elementos posteriormente introduzidos. Pelo contrário, trata-se, em nosso caso e antes de tudo, de conhecimentos reais e informações concretas sôbre uma situação cultural do passado que, no próprio conceito do informante indígena contrasta com o nível cultural do presente, contraste que se revela da mesma maneira ao pesquisador pela observação direta ou controlada pelo uso de fontes bibliográficos. A tradição serve, pois, como élo e fonte explicativa e reveladora entre o passado e o presente, e neste sentido não deve ser desprezada. Um estudo assim combinado permite recuar, muitas vêzes, até os habitantes primitivos da região e sua cultura e perceber, ao mesmo tempo, as influências de outras tribos sôbre o grupo em foco.

* * *

O "habitat" dos Tiriyó são as regiões das cabeceiras dos rios Panamá, Marapí, Cuxaré, Parú de Oeste e Parú de Leste em território nacional, e as dos rios Parúmã, Tapananí e Chipariwêni com seus afluentes direitos, no lado holandês. Protegido por grandes cachoeiras e os enormes Campos Gerais por um lado, por matas densas e as serras do Tumucumaque e Acaraí por outro, êste rincão de terras tornou-se um reduto, onde o índio até há pouco se conservava em seu ambiente e com seus padrões de vida e cultura próprios, sòmente em contacto com as tribos da vizinhança (os Wáyana a leste e os Charúmã a oeste) e quase sem conhecimento da civilização moderna. Êste ambiente, sem dúvida alguma, contribuiu bastante para a conservação das tradições tribais. Vencidas as primeiras dificuldades de língua (pois até hoje ainda não há Tiriyó que saiba falar suficientemente o português ou

o holandês e vice-versa), comecei a perceber os ricos conhecimentos dos Tiriyó quanto ao passado da tribo e de sua cultura. Vi e ouvi que êles ainda conheciam uma série de elementos culturais hoje em dia não mais em uso, p. ex. os anzóis primitivos, feitos de unhas de gavião (para peixes maiores) ou de mandíbulas da formiga taóca (para peixes miúdos). Relataram modificações nas formas e no material empregados outróra, a respeito de objetos ainda existentes, distinguindo êles mesmos entre formas arcáicas e outras mais recentes : p. ex. o torrador de beijú, que na forma primitiva era uma pequena lage de pedra e na atual é um disco, feito de barro cozido. Mencionaram, frequentemente, a origem cultural de certos elementos, se eram próprios aos grupos tiriyó ou de origem alheia; p. ex. certos tipos de casas, entre êles hoje existentes. Assim seria a casa cupular, redonda e fechada, um elemento exclusivo tiriyó; a casa oval, sem paredes, um tipo de habitação originàriamente wáyana e a casa circular de teto cônico, um tipo provindo dos Charúmã.

Além disso existem ainda tradições sôbre uma fase bem primitiva, em que a maior parte dos elementos da atual cultura material, como rêdes, casas e mesmo arco e flechas, era desconhecida.

Por êstes poucos exemplos já se vê a grande importância da tradição tribal para o estudo da cultura material. Outrossim, um estudo assim correlacionado já por si só, deixa entrever a existência de diferentes fases que constituem como que camadas culturais.

Para poder fazer uma coordenação dêstes elementos e as respectivas fases culturais, é mister considerar mais outro ponto da tradição tribal que, ao mesmo tempo, dá uma resposta a respeito das mudanças de cultura do passado ao presente : é a tradição que se refere à formação do povo tiriyó. A história da tribo fala de migrações e de imigrações de outros grupos, de cuja constante mesclagem, em parte pacífica, em parte sangrenta, resultaram os atuais grupos tiriyó. Êstes três pontos básicos : o registro dos elementos da cultura material atual, o conhecimento da cultura material de épocas

mais remotas e a tradição a respeito da formação étnica da tribo, permitem fazer um estudo de estratografia cultural, a saber em duplo sentido :

a) num plano vertical : verificando o surgimento, o desenvolvimento ou, caso não exista, a sucessão de tipos de elementos culturais e, eventualmente, a sua perda, supressão ou eliminação : são as camadas ou fases culturais;

b) num plano horizontal : verificando, se, onde, até que ponto e de que maneira houve influências culturais de tribos vizinhas sôbre os grupos tiriyó : é a aculturação intertribal.

Para condensar o assunto, apresentarei o corte vertical na forma de um esquema. Aparecem aí, paralelamente, dois fatores : a formação étnica dos Tiriyó e a das correspondentes fases culturais.

A tradição tiriyó fala de grupos primitivos, primeiros habitantes dessa região. Destacam-se as seguintes características : Cultura material = essencialmente lítica. Existe grande aproveitamento de palhas e cascas. Arma principal = cacête ou borduna. Habitação = pára-ventos e abrigos de pedra ou cavernas. Subsistência = à base da coleta, com caça e pesca suplementar. Indica-se, expressamente, a ausência da agricultura e do plantio do algodão; ausência de cerâmica; ausência de arcos, flechas e tipos de casas pròpriamente ditas. Datas históricas para esta fase são difíceis de se obter. Mas para os grupos tiriyó acessíveis e aculturados, ela findará provàvelmente pelo século XV ou XVI. Restrinjo a indicação do tempo aos grupos acessíveis, pois, conforme informações indígenas, ainda existem grupos tiriyó arredios, que vivem mais ou menos numa cultura desta base. Assim : os Wayarikuré do Matáwari, os Wayáma do Urumarí, os Akuriyó do Tapái e mais alguns outros.

Pelos séculos XVI ou XVII, aproximadamente, deve-se ter dado a primeira imigração e invasão de grupos indígenas, vindos de oeste. A população primitiva em grande parte se extinguiu, seja pelas guerras e matanças contínuas com os grupos imigrantes, seja por assimilação e mesclagem. Houve,

por assim dizer, uma nova formação étnica na região do Tumucumaque, da qual sairam os grupos proto-tiriyó : Tchóni, Káike, Atúrai e outros, com predominância dos Aibüba. O total dêstes grupos, de língua e hábitos aparentados que começou a formar nova unidade, designou-se com o nome de Piáno, os Gaviões ou Piánokotó — Povo Gavião.

É natural que êstes grupos imigrantes trouxessem a sua cultura própria que, em relação à atual, poderíamos chamar de arcáica, o que corresponde também ao entender dos próprios índios tiriyó, chamando-a de "penatono" ou seja "dos antigos". É a época da primeira mudança cultural. Devido a predominância do grupo Aibüba, aos quais quase todos os objetos do tipo arcáico são atribuidos, poderemos denominar esta época de "Fase Aibüba". Persistem no desenvolvimento desta fase os instrumentos líticos e o modo de subsistência à base de coleta, porém bastante ampliada pelo advento de arco e flecha. Mas aparecem também muitos novos elementos : uma agricultura incipiente, primeiro com o aproveitamento de uma espécie de maniva silvestre, substituida mais tarde por outras qualidades e ampliada pelo plantio de tuberculos, principalmente de taiobas comestiveis. Surgem, como já ficou indicado, arco e flechas, estas últimas com o emprego de materiais hoje abolidos. Aparece a tecelagem de fios e o fuso com o aproveitamento de um tipo de algodão silvestre, não-cultivado. Encontra-se, da mesma forma, cerâmica, com vasos, fusos e torradores pequenos de barro. A habitação torna-se mais definida : aparecem os primeiros tipos de casas e aldeias em sentido mais próprio. Esta fase parece anterior ao século XVIII e talvez abranja os séculos XVI e XVII, porque em começos daquêle século já são mencionados, em relatos contemporâneos, nomes de grupos tiriyó atuais, grupos que se definiram sòmente na fase seguinte e que antes, na fase Aibüba, ainda não se tinham formado.

Nova onda de imigração indígena no Tumucumaque deu-se pelos séculos XVIII e XIX, o que resultou em processos de assimilação étnica e de aculturação entre os grupos da Fase Aibüba e os neo-imigrados. Ètnicamente resultaram daí os

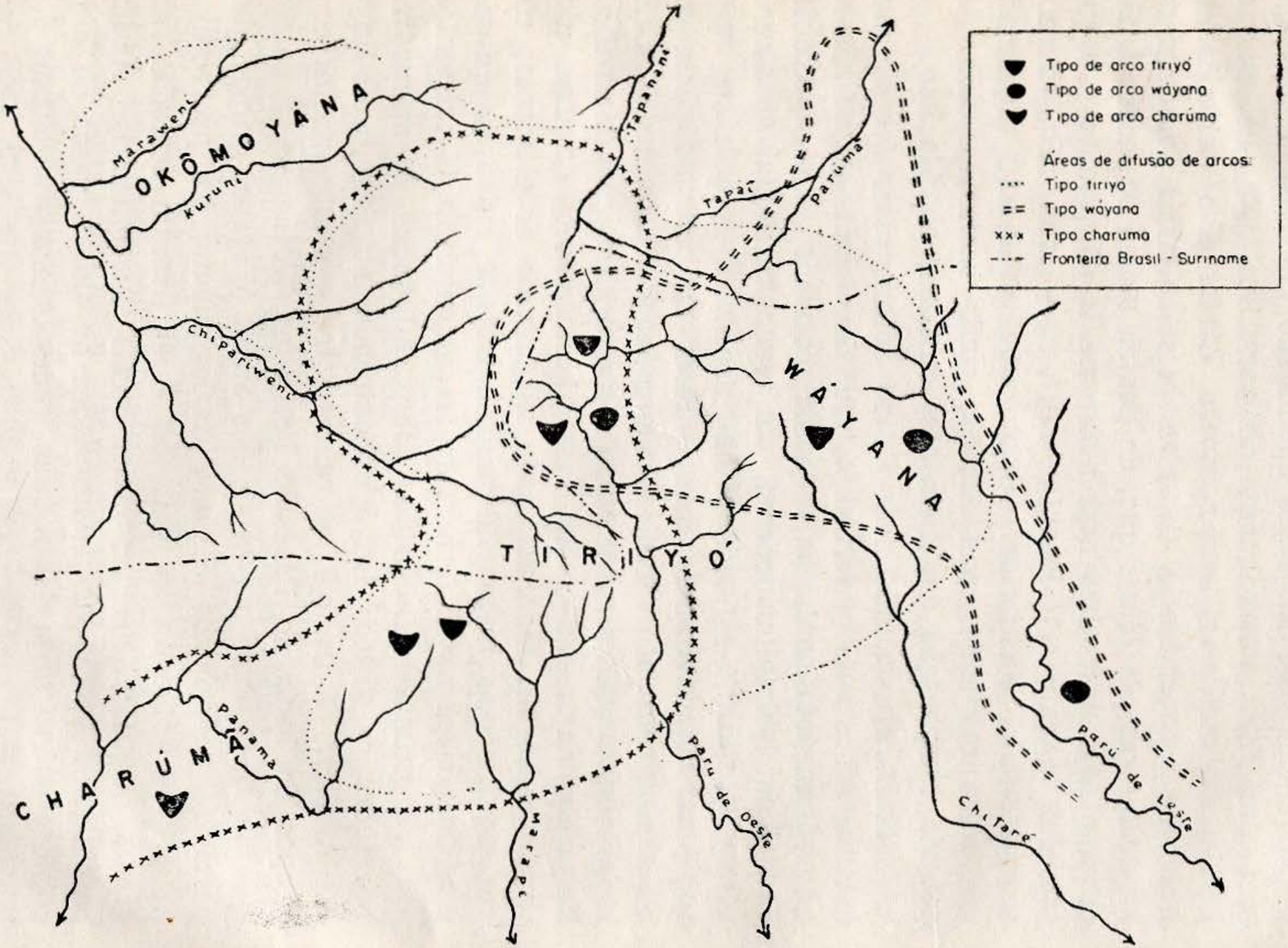
grupos tiriyó atuais e mais alguns, entretanto extintos. Poderemos chamar esta fase, cujos últimos impulsos alcançam ainda o presente, de "Fase Tiriyó". É a época da segunda mudança cultural. Nela continua a persistir o elemento lítico, o modo de subsistência e grande parte dos elementos culturais da fase anterior, porém com formas e tipos do estado atual. Aparece uma agricultura um pouco mais ampliada, no estilo típico da das tribos da floresta tropical, como hoje ainda existe, juntamente com o plantio de algodão e seu respectivo aproveitamento. Surge uma cerâmica um pouco diferente, mais simples que a da fase anterior, sem ornamentação, à qual se liga a cerâmica atual, porém com sintomas de decadência. Na habitação, o número de tipos de casa aumenta. Verificam-se aí as primeiras influências da civilização ocidental, por intermédio dos Bushnegroes de Suriname. Nota-se depois do novo reajustamento étnico, um declínio do espírito guerreiro, antes combativo e agressivo, e concomitantemente a lenta perda de muitos instrumentos bélicos, p. ex. vários tipos de flechas de guerra e as famosas armaduras de taquaraçú.

Para completar o quadro, seja mencionada, ligeiramente a última fase, a moderna. Começa a ser sentida pelos contactos mencionados dos índios com os prêtos mocambeiros de Suriname, aproximadamente na segunda metade do século XIX que lhes transmitiram principalmente instrumentos de ferro (machados, enxadas, facas e terçados), panos para tangas e miçangas holandesas. Êste contacto indireto com a civilização moderna existiu, neste estado restrito, até 1959. Alguns encontros eventuais com comissões e expedições não modificaram, essencialmente, o nível cultural dos Tiriyó, por terem sido êstes contactos bastantes superficiais. Em 1959, a Fôrça Aérea Brasileira (FAB) abriu um campo de pouso na região do Tumucumaque que favorecerá, sem dúvida, contactos mais amplos com a cultura brasileira. Creio que, com isso, a tribo Tiriyó está entrando numa nova fase de aculturação que, se bem dirigida, pode redundar num benefício real dêsses índios.

O que, porém, no momento mais nos interessa, é o estudo das primeiras três fases apontadas. Se aqui as destacamos como fases culturalmente distintas, fica visto que, na realidade, em maior ou menor escala, há também períodos de transição e coexistência de elementos culturais das duas ou até três fases; de forma que, de per si, uma fase cultural não absorve nem necessária nem inteiramente a precedente e que também, quanto a colocação no tempo, uma não elimina, abruptamente, a anterior. O que aqui se tentou esquematizar, é na realidade, uma situação ainda bastante fluida. A própria comparação dos elementos culturais elucida isso.

Embora a possibilidade de se definir essas fases culturais, notam-se todavia formas e tipos de elementos que não se enquadram totalmente no esquema diacrônico aqui apresentado. Existe, simultaneamente, um plano horizontal ou sincrônico de cultura, originado pelas influências de outros grupos indígenas circunvizinhos com culturas muitas vezes bem semelhantes, mas não idênticas no emprego de formas e materiais, o que pràticamente resulta em aculturação intertribal. Enquanto na sucessão das fases, bàsicamente, ocorrem mudanças culturais, marcadas pelo surgimento de elementos novos, aqui nessas trocas intertribais trata-se antes de difusão e adaptações à novas formas de traços culturais já existentes.

As primeiras indicações sôbre influências de outras tribos sôbre os grupos tiriyó encontramos na fase proto-tiriyó dos Aibüba. A tradição se refere a frequentes contactos com grupos da bacia do Parú de Leste (os Worichana e outros) que são tidos como ancestrais dos atuais Wáyana, grupos que, portanto, poderíamos chamar, analogamento, de proto-wáyana. Êstes contactos as mais das vezes tiveram desfecho sangrento, mas não deixaram de ter certas consequências. Assim, para aquela época, são mencionados os oküyã, vasos de bôjo duplo e outros tipos dos Aibüba, como formas tradicionais dos Worichana ou proto-wáyana. Aliás, esta distinção feita pelos Tiriyó, entre grupos que constituem o fundo dos atuais Wáyana e êstes mesmos, parece indicar que na região do Parú de Leste houve um desenvolvimento cultural bem semelhante,



Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

em fases, quiçá, paralelas às dos Tiriyó. Esta influência dos grupos de leste, continuou na terceira fase, a histórica ou recente, até os nossos dias.

Também da bacia do Trombetas, a oeste, se irradiaram influências culturais especialmente do grupo Charúmã que, linguistica e etnològicamente se enquadra entre as tribos da família Parukotó, porém que aí essas influências parecem ser de data mais recente, restringindo-se à última fase. Nota-se a difusão de elementos charúmã, principalmente nos tipos de enfeites de plumas tiriyó, nas tangas femininas de miçangas e outras.

Em relação às áreas de influência dá-se o caso interessante de uma superposição parcial das áreas de irradiação cultural. A influência wáyana vai do Parú de Leste até um pouco além do Parú de Oeste, até o rio Akalapí, aproximadamente. A charúmã, por sua vez, vai do Trombetas-Panamá, incluindo também o Parú de Oeste, de forma que o núcleo central, a área do Parú de Oeste, sofre maior influência intertribal. Tomando o Parú de Oeste como centro da região, nota-se entre os Tiriyó um constante aumento de elementos wáyana para o leste, com um simultâneo decrescimento de elementos charúmã; e vice-versa : aumentam para o lado do Marapí-Panamá as influências charúmã, desaparecendo sempre mais as dos Wáyana. O arco tiriyó é um exemplo clássico. Todos os três grupos : tiriyó, wáyana e charúmã, possuem um tipo de arco próprio. O tiriyó, arco de costa chata, encontra-se em tôda a extensão do território tiriyó. O tipo charúmã, arco de costa cavada, tem a sua maior difusão na região oeste abrangendo ainda o setor central do Parú de Oeste, enquanto o tipo wáyana, arco de corte transversal circular, é mais frenquente na região leste, incluindo também o Parú de Oeste. No setor central coexistem, pois, todos os três tipos de arco. Quanto mais para o leste, diminue a difusão do arco charúmã e vice-versa : quanto mais para o oeste, desaparece o arco tipo wáyana.

Houve, sem dúvida, influências culturais de outros grupos porém mais difíceis de se determinar, como p. ex. as dos Ingarüyana (Kachúyana) que pelos Tiriyó são tido, bàsicamen-

te, um subgrupo charúmã. Ou as dos Okômoyana, hoje grupo assimilado aos Tiriyó, mas outrora alienígena, não-tiriyó. Êstes últimos deixaram alguns vestigios de sua influência, reconhecíveis em certos tipos de cestaria que conservam, pelo nome do objeto, a indicação da sua origem primitiva : assim o "okômoyána katári", o panacú okômoyána, um tipo de jamanchim ainda usado pelos Tiriyó.

Como ilustração de desenvolvimento, mudança ou substituição parcial de um elemento, como aparece, ao mesmo tempo, no corte vertical e horizontal das camadas culturais, pode-se citar a cabeça de fuso de fiação.

Uma das primeiras formas da fase arcáica (aibüba) apontada é o fuso, cuja cabeça, com gancho respectivo, é for-

CABEÇA DE FUSO TIRIYÓ

FASE	TIPO CHARÚMÃ	TIPO TIRIYÓ	TIPO WÁYANA
IV			
III			
II			
I	—	—	—

mada por uma costeleta de ôsso ou espinha de peixe. Já no fim desta fase, como também na seguinte, a cabeça do fuso é constituida por um ôsso de coatá, cortada em forma de "X". Esta forma se observa ainda, embora raras vezes, na região do Panamá, onde está sendo substituída pela do tipo charúmã-ingarúne : ôsso de coatá ou de jacaré-tinga em forma de meia lua. Na região central e leste dos Tiriyó, aquêle caiu em desuso e os próprios tipos tiriyó tendem a ser abolidos. Predomina a forma wáyana, cabeça de madeira com fenda longitudinal para engatar o fio, cortada na própria haste do fuso. Êste tipo (wáyana) não se encontra na região oeste, do Panamá, mas predomina até o Parú de Oeste, inclusive.

Pessoalmente estou inclinado a crer que uma estratificação bem semelhante, consistindo em duas ou três camadas culturais ao mesmo tempo que difusão e aculturação intertribal tenha ocorrido também em outras regiões das Guianas, pelo menos nas zonas vizinhas às dos Tiriyó. Já aleguei a indicação tiriyó sôbre uma época proto-wáyana, constituida pelos Woríchana que, à semelhança da éra proto-tiriyó, foi precursora da fase histórica que inclue os Wáyana atuais. Mais nítido se torna o assunto na bacia do Trombetas, especialmente entre os Kachúyana que, anos atrás, tive ocasião de estudar. Êstes, em sua tradição distinguem também três éras ou fases análogas : a primitiva, a "dos antigos" ou seja arcáica, e a recente ou histórica. Esta última é influenciada pelos mesmos grupos da família parukotó, os Charúmã, por êles chamados de Tunayána. A comparação de certos elementos entre as várias tribos, influenciadas por um mesmo foco de irradicação cultural, mostra que êles nem sempre foram aceitos de igual maneira e que a não-absorção de um elemento cultural pode, mais tarde, resultar num monopólio comercial e a formação de um estado incipiente de profissão por parte do grupo influenciador. Para o primeiro caso cito o ralo e o modo de fazer fogo; para o segundo, os banquinhos dos homens.

Os Kachúyana adotaram em sua última fase (recente) o ralo charúmã : uma táboa com lascas de quartzo nela embutidas para servirem de dentes. O modo de fazer fogo por

meio de fricção, no sistema charúmã, igualmente foi aceito por êles, enquanto que, entre os Tiriyó, êstes dois elementos não se infiltraram. Ambas as tribos, em suas fases anteriores, utilizavam-se de instrumentos líticos para servirem de ralo e de "isqueiro". E os Tiriyó ficaram nisso.

	RALO		FOGO	
	Kachúyana	*Tiriyó*	*Kachúyana*	*Tiriyó*
I.	pedra	pedra	pedra	pedra
II.	pedra	pedra	pedra	pedra
III.	táboa com lascas de quartzo	pedra	(paus de fogo) fricção)	pedra
IV.	táboa com lascas de quartzo (flandres)	flandres	fósforos	Fósforos (isqueiros)

O segundo exemplo é o dos banquinhos ovais. É um elemento até frequente nas malocas tiriyó e kachúyana. Os homens de ambas as tribos apreciam êste tipo de banquinho, mas, seja por falta de habilidade ou outros motivos, não o fabricam. Enquanto muitos outros elementos charúmã foram aceitos no processo de aculturação, êste ficou à parte. A fabricação dêste tipo de banco tornou-se no correr dos tempos, um monopólio comercial e artigo de exportação dos Charúmã para as ditas tribos vizinhas criando entre os charúmã um estado incipiente de especialização manufatureira.

Creio, pois, que um estudo dest'arte combinado da tradição tribal e da cultura material, permite obter uma visão básica sôbre os acontecimentos culturais do passado, não só da região do Tumucumaque, como também de áreas mais vastas ainda.

* * *

Há finalmente uma questão a considerar : o que diz a a arqueologia da região a êsse respeito ?

Os próprios Tiriyó se referem aos sítios arqueológicos aí existentes, como a aldeias de seus antepassados. Frequentemente, sabem ainda indicar nomes de chefes dessas antigas aldeias e os dos grupos ou das sipes a que pertenceram. Há casos isolados também, em que a idade de certos sítios, à mão de parentescos estabelecidos com pessoas ali enterradas, cujas sepulturas ainda são reconheciveis, pode ser determinada para a quinta e sexta geração, isto é, para uma época de aproximadamente 200 anos atrás. Não dispomos de lugar, aqui, para uma explanação minuciosa dos tipos de sítios arqueológicos do Tumucumaque. Basta dizer que os da mata divergem um tanto dos do campo aberto. De ambos foram colhidas amostras de cerâmica e entregues a P. P. Hilbert para análise e classificação. Os primeiros resultados parecem indicar que a cerâmica do Tumucumaque provém de duas fases distintas que se ligam a tradições ceramistas, encontradas nas Guianas Britânicas e classificadas por Clifford Evans como as fases Tarumã e Rupununi-Savana (4). Ambas são relativamente recentes embora a chamada fase Tarumã seja um pouco mais antiga que a outra.

Os Tarumã, como habitantes do Essequibo, são citados a primeira vez, em cerca de 1720. É esta, simplesmente, uma data de ligação histórica e não quer dizer, em absoluto, que a dita cultura não se tenha difundido já antes naquela região.

---

4. Evans, Clifford and Meggers, Betty — 1960, Archeological Investigations in British Guiana; Smithsonian Institution.

Em todo o caso. a cerâmica de certos sítios do Tumucumaque corresponde amplamente à da referida fase Tarumã.

Cousa quase idêntica se nota em relação à fase Rupununi-Savana. Esta, um pouco mais recente, encontrou a sua continuação atual entre os Waiwai. A data de ligação histórica, mais antiga, parece ser a do ano de 1809. Também aqui certos tipos de louça do Tumucumaque correspondem aos dos sítios das Guianas Britânicas.

Enquanto, de um modo geral, as cerâmicas dos sítios arqueológicos do Tumucumaque encontram os seus tipos correlatos nas Guianas Britânicas, nas fases acima referidas, parece haver certa discordância quanto à sucessão dessas fases na região do Tumucumaque. Supondo que a datação de Clifford Evans, para as Guianas Britânicas seja a mais exata possível, parece então observar-se uma inversão, no sentido de que a fase correspondente à Rupununi-Savana aqui seja mais antiga, e a correspondente à Tarumã, a mais recente. A tradição tiriyó dá alguns esclarecimentos a êsse respeito, indicando que os grupos da fase arcáica tinham as suas moradias no alto de colinas e serras descampadas, com larga vista sôbre a região circunvizinha, geralmente em lugares mais centrais e longe de água. Êsse sistema de habitação, modificou-se por influência de grupos vindos durante a segunda onda imigratória, que preferiram como "habitat" os vales e as beiras dos rios, fazendo as suas aldeias perto dos cursos d'água, um costume que prevalece até hoje entre os Tiriyó. Os sítios arqueológicos da área, de fato, enquadram-se perfeitamente nesta tradição. Existem muitos dêles em pleno campo, no alto de colinas e serras, mais ou menos isolados, não raras vezes bastante longe de qualquer curso d'água, enquanto outros estão situados ao longo do rio principal, o Parú de Oeste e de seus afluentes. A cerâmica dêstes dois tipos de sítios difere entre si e, ao que parece, a da fase arcáica (das colinas e do campo) correspondem mais à de Rupununi-Savana que, nas Guianas Britânicas, segundo Evans, é mais recente; vice-versa, a cerâmica dos sítios ribeirinhos, fase tiriyó mais recente, parece corresponder mais à de

Tarumã que, em Demerara seria a mais antiga. De fato, achados de tipos antiquados de machados de ferro (talvez do século XVIII ?) em sítios ribeirinhos tendem a confirmar a tradição tiriyó, enquanto em depósitos cerâmicos dos campos e das colinas, até agora, não se encontraram vestígios de contactos com culturas européias. Embora uma explanação à base da tradição indígena pareça bastante lógica por alcançar e explicar o estado presente, é mister aguardar resultados mais pormenorizados das pesquisas arqueológicas da região em foco, as quais ainda estão em sua fase inicial. Quís aqui ùnicamente apontar uma dificuldade na coordenação dos fatos. Mas é bem provável que os estudos subsequentes esclarecerão melhor o assunto.

Estabelecida todavia uma certa correlação de fases arqueológicas e horizontes culturais, resta procurar ainda por indicações a respeito da primeira fase, primitiva, a mais antiga. Nota-se aí também um fator comum. As escavações nas Guianas Britânicas, na região das citadas fases Tarumã e Rupununi-Savana, demonstraram que não existem outras camadas ou fases de ceramistas abaixo das referidas. Em outras palavras : Moradores anteriores a essas duas fases deveriam ter sido tribos pré-ceramistas, de uma cultura essencialmente lítica, bastante primitiva e difícil de localizar, devido a sua vida mais ou menos nômade de coletores.

Cousa igual parece ter existido no Tumucumaque. A tradição tiriyó, a respeito desta fase, menciona os mesmos fatores : ausência da agricultura, da cerâmica e da maior parte de elementos culturais como aparecem na segunda fase arcáica; mas existência de uma cultura primitiva, essencialmente lítica e o aproveitamento de cascas e enviras. ,

Resumindo, podemos, pois, constatar por um lado, uma quase completa concordância entre as fases arqueológicas da região do Tumucumaque e as das Guianas Britânicas das regiões do alto Essequibo e Rupununi; e por outro, uma igual correlação entre as fases arqueológicas do Tumucumaque e as camadas culturais dos Tiriyó, do que resulta entre outras cousas que o povoamento do Tumucumaque, seus sítios arqueoló-

gicos, as imigrações com as camadas daí oriundas, são de data relativamente recente, pertencendo ainda a épocas históricas, poscolumbianas, embora não exatamente determináveis devido à falta de dados e materiais pormenorizados.

Não resta dúvida que a fase primitiva e sua extensão no passado, seja a mais difícil de ser fixada ou determinada. Mas temos ainda uma fraca esperança de conseguí-lo. Referem-se os Tiriyó em seus relatos, que nessa fase mais remota, os habitantes da região ainda não conheciam casas pròpriamente ditas. Moravam em simples abrigos feitos de folhas de palmeiras ou galhos de árvores (tipos de pára-ventos) ou ainda sob abrigos de pedra e em cavernas. Os Tiriyó indicaram e mostraram uma série de tais "casas de pedra dos antigos" que, em parte, visitei. Algumas não mostravam vestígios de habitação humana na superfície. Outras, com certeza, foram habitadas. As suas paredes de granito estão cobertas de gravuras rupestres bem conservadas. Existem também sinais de fumaça, provenientes de fogueiras. Uma escavação traria à luz, provàvelmente, grande parte dos elementos culturais daquêles homens escultores, e com o carvão, poder-se-iam fazer testes de C-14 para obter dados de sua colocação no tempo. Nêsse sentido já foi programada, juntamente com P. P. Hilbert, ainda para êste verão, um estudo dessas cavernas, quiçá, pré-históricas.

Fase	*Caracte-rística*	*Formação*		*Elementos culturais*	*Influências*	*Época*	*Correlação arqueológica (G. Br.)*
		étnica	*cultural*				
IV.	atual	grupos atuais	3.ª mudança cultural incipiente	continua : ainda o "status" anterior embora já influenciado pela civilização. Notam-se começos de adaptação no terreno da cultura material.	Do norte : Holandeses, Americanos. Diminue : Negros. Do sul : Brasileiros (FAB).	século XX	—
III.	histórica	grupos atuais tiriyó	2.ª mudança cultural	continua : instrumental lítico; modo de subsistência e grande parte dos elementos culturais da fase anterior. aparece : agricultura ampliada; algodão plantado; cerâmica de tipo diferente (simples); habitação : novos tipos de casas; armas e utensílios de feitio diferente.	De Leste : Wáyana. De Oeste : Charúmã, Ingarüyana. Do Noroeste: Okômoyana No século XIX : Bushnegroes	séculos XIX e XVIII	Tipo Tarumã (?)
II.	arcáica	grupos proto-tiriyó (Aibüba)	1.ª mudança cultural	persiste : cultura lítica; tipo de subsistência. aparece : agricultura incipiente; algodão silvestre (não plantado); cerâmica; armas : arco, flechas e outros; habitação : tipos de casas; utensílios : objetos de madeira.	Proto-wáyana (Woríchana)	séculos XVII e XVI	Tipo Rupununi-Savana (?)
I.	primitiva	pre-tiriyó	?	presença : instrumentos líticos; aproveitamento de cascas e enviras; predominância de cacetes (toscos); habitação : pára-ventos, cavernas; subsistência : coleta, com caça e pesca suplementar. ausência : agricultura; algodão; cerâmica; arco e flecha; casas.	?	antes do século XVI	fase pre-ceramista

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

S U M M A R Y

In the present paper the author tries to establish the main cultural phases for the Tumucumaque area, inhabited by the Tiriyó Indians. The data used were taken from the modern cultural elements of the Tiriyó, their oral tradition and the information supplied by the archaeology of the area. A cross-cut both in time and space was attempted, to show the historical sequence of the cultural phases and the resulting inter-tribal acculturation, due to the influence of others ancient and contemporary Indians geographically close to the Tiriyó (especially the Wáyana and Xarúma). This paper is a preliminary presentation of the data and of the procedure of the research. Further excavations and explorations of the prehistoric caves and sites in the Tumucumaque, will be done to shed more light especially on the pre-ceramic horizon.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

FALANGOLA
iimprimu